

## OPINIÃO<sup>1</sup>

### Uma nova agenda para o setor agro brasileiro face à pandemia?

Profa. Dra. Maria Sylvia Macchione Saes<sup>2</sup>

Brasil é um dos principais *players* no mercado mundial de alimentos. Esta posição de um dos primeiros exportadores de açúcar, soja, carnes, café, laranja no mundo, não é um mero acaso. Ela surgiu de fortes investimentos em instituições, particularmente centros de Pesquisa, como a Embrapa, com o desenvolvimento de tecnologia de ponta. Entre o final dos anos 1970 até hoje observamos uma expansão de 500% da produção agrícola e apenas 75% da área, mostrando o imenso ganho de produtividade da terra.<sup>3</sup>

Esse crescimento e maior inserção no mercado internacional ocorreu em um ambiente institucional que sinalizava (e propunha ações) para proteção do meio ambiente (tais como código florestal, moratória da soja entre outros), melhores regras de qualidade de alimentos (como a normativa do leite) e uma preocupação com políticas sociais (como Pronaf – Programa de financiamento ao pequeno produtor e reforma agrária). Naturalmente, a configuração desse ambiente não se deu sem conflitos, avanços e retrocessos. De qualquer forma, o que se verificou é que uma ação – seja em defesa do meio ambiente ou políticas sociais - não impediu que a outra avançasse – crescimento da produção brasileira.

Atualmente, essa agenda mudou. Houve um grande retrocesso com respeito às políticas ambientais e sociais, o que num cenário de pandemia cria grandes incertezas, uma vez que essa crise sanitária atenta para o impacto dos desequilíbrios ambientais sobre a saúde humana.

A medida que a atual crise se aprofunda vamos aprendendo a entender melhor as origens desta e de outras doenças. A Covid-19 chama a atenção para surtos de doenças infecciosas, que estão ocorrendo com maior frequência do que no passado.<sup>4</sup> Estudo da Universidade de Minesota mostrou que de 1940 até 2019, a origem de mais de 25% de todas doenças - e mais de 50% das doenças infecciosas, - causadas por germes que se espalham entre animais e pessoas, tinham origem na agricultura. Há crescentes evidências de que as mudanças ambientais têm papel importante para o surgimento de doenças infecciosas, como: a gripe aviária asiática, múltiplas variantes da gripe suína, Ebola, hepatite E, Salmonella, febre aftosa, entre outras. Prevê-se que essas porcentagens aumentem junto com o crescimento da população humana e maior expansão e

<sup>1</sup>Este é um informe de opinião do autor. Seu conteúdo não expressa a opinião da equipe.

<sup>2</sup> Professora titular da Universidade de São Paulo (USP). Fundadora e coordenadora do grupo de pesquisa NAP - CORS (Centro de Estudos das Organizações) da Universidade de São Paulo.

<sup>3</sup> Naidin, L. C., da Motta Veiga, P., & Rios, S. P. Diplomacia Alimentar. Qual o apetite do Brasil no cenário mundial? A regulação internacional da produção e do comércio de alimentos.

<sup>4</sup> Di Marco, M., Baker, M. L., Daszak, P., De Barro, P., Eskew, E. A., Godde, C. M., ... & Karesh, W. B. (2020). Opinion: Sustainable development must account for pandemic risk. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 117(8), 3888-3892.

intensificação da agricultura.<sup>5</sup> Como sabemos, as doenças respiratórias tem também efeito indireto provocado pelos desmatamentos e geração de emissões globais de gases de efeito estufa. Esses simultaneamente comprometem a qualidade do ar, da água e do solo, a função do ecossistema e a bio-diversidade.

Além disso, essa crise resalta outras questões decorrentes da produção de alimentos. No caso da produção de animais em grande escala, crescem as preocupações das entidades de saúde pública pelo uso intensivo de antibióticos. Os antibióticos são excretados na urina e nas fezes e ingeridos pela população, uma vez que os sistemas de tratamento de água não conseguem eliminá-los. Nos EUA de todos os antibióticos vendidos pela indústria farmacêutica cerca de 80% vão para a agricultura. A necessidade de administração de antibióticos diminui a resistência e a eficiência para combater doenças responsáveis pela morte de milhares de pessoas no mundo todo. Estima-se que quase 3 milhões de pessoas nos EUA sofrem de infecção resistente a antibióticos.<sup>6</sup> Por isso que crescem legislações nos países desenvolvidos que proíbem resíduos de antibióticos no leite (veja por exemplo legislação dos leite no Canadá)<sup>7</sup>. Também são reconhecidos os distúrbios cognitivos do desenvolvimento em crianças, juntamente com certos tipos de câncer, devido ao uso indiscriminado de agrotóxicos.

Nesse sentido, todas estas externalidades negativas que eram consideradas marginais, uma vez que representavam apenas uma pequena fração do total de custos "ocultos" impostos à humanidade e ao meio ambiente, passam a ter uma grande relevância e ressaltam o uso indevido de recursos. Há que se pensar no uso eficiente no longo prazo.

O princípio da precaução deve guiar as ações privadas e públicas daqui para frente. Haverá uma intensificação de adoção de normas técnicas, sanitárias e fitossanitárias, com o olhar à segurança do alimento. Além disso, vemos um reconhecimento crescente de que os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), definidos pelas Nações Unidas, devem considerar de forma conjunta a produção de alimentos, a conservação da biodiversidade, a mitigação das mudanças climáticas e a saúde pública. Sem uma abordagem integrada que vise a diminuir os impactos da mudança ambiental e os consequentes riscos para a humanidade, dificilmente os países alcançarão os ODS.<sup>8</sup>

No Brasil, há iniciativas crescentes de investimento em tecnologias menos agressivas ao ambiente. Vemos em curso o desenvolvimento de uma expertise em tecnologias de produção, que mantêm o nível de produtividade, com menor uso de produtos químicos e maior de produtos orgânicos, organominerais e naturais (como a produção de carnes orgânicas). Essas iniciativas surgem a partir de grandes e pequenas empresas ou produtores rurais, com ajuda de certificadores e de instituições públicas. Há casos de firmas que capacitam seus fornecedores rurais para atender à demanda por produtos sustentáveis. A questão da segurança do alimento remeterá à rastreabilidade, à adoção de boas práticas agrícolas com a ajuda de tecnologia

<sup>5</sup> Rohr, J. R., Barrett, C. B., Civitello, D. J., Craft, M. E., Delius, B., DeLeo, G. A., ... & Remais, J. V. (2019). Emerging human infectious diseases and the links to global food production. *Nature Sustainability*, 2(6), 445-456.

<sup>6</sup> Miles, A. (2020). If we get food right, we get everything right: rethinking the food system in post-COVID-19.

<sup>7</sup> Groupe Agéco (2020). Évolution des recettes laitières et des recettes monétaires totales en agriculture, par province. Canada.

<sup>8</sup> Global Health Security Agenda (2017). Progress and impact from US investments.

(georeferenciamento, drones etc). Políticas públicas para prover a conectividade são vitais, já que controle da informação será ainda mais essencial.

Há que se criar uma agenda positiva alinhada com a demanda atual (segurança do alimento) olhando para o futuro. Naturalmente, demanda instituições fortes que atuem na intermediação dos conflitos entre os que desejam a transição para a sustentabilidade e os que preferem manter o *status quo*. Essas instituições, se bem concebidas, irão trazer segurança para as mudanças e efetividade para o cumprimento de contratos conciliando interesses e criando oportunidades.

A maneira como agimos agora colocará em movimento um novo conjunto de condições que permitirão ao Brasil continuar a ser protagonista dessa história.

#### Saiba mais:

[Di Marco, M., Baker, M. L., Daszak, P., De Barro, P., Eskew, E. A., Godde, C. M., ... & Karesh, W. B. Opinion: Sustainable development must account for pandemic risk. \*Proceedings of the National Academy of Sciences\*, 117\(8\), 3888-3892. 2020.](#)

[Groupe Agéco. Évolution des recettes laitières et des recettes monétaires totales en agriculture, par province. Canada. 2020.](#)

[Global Health Security Agenda. Progress and impact from US investments. 2017.](#)

[Miles, A. If we get food right, we get everything right: rethinking the food system in post-COVID-19. 2020.](#)

[Naidin, L. C., da Motta Veiga, P., & Rios, S. P. Diplomacia Alimentar. Qual o apetite do Brasil no cenário mundial? A regulação internacional da produção e do comércio de alimentos. 2020.](#)

[Rohr, J. R., Barrett, C. B., Civitello, D. J., Craft, M. E., Delius, B., DeLeo, G. A., ... & Remais, J. V. Emerging human infectious diseases and the links to global food production. \*Nature Sustainability\*, 2\(6\), 445-456. 2019.](#)

**Maringá, 20 de Julho de 2020.**

#### Equipe:

Priscila Duarte Malanski  
Amanda Ferreira Guimarães  
Daniel Teixeira dos Santos Braz

Mariana Augusta de Souza  
Mariela Meira Caunetto  
Priscilla Tiara Torrezan Chaves

#### Coordenação

Prof. Dr. José Paulo de Souza (PPA/ UEM)  
Profa. Dra. Sandra Mara de Alencar Schiavi (PPA/UEM, PCE/UEM)